

A UNIÃO ENTRE FILOSOFIA E RETÓRICA EM CÍCERO

José Valdir Teixeira Braga Filho¹

RESUMO: Este artigo trata sobre a orientação política presente na Filosofia e na Oratória de Marco Túlio Cícero, bem como seus desdobramentos. O autor romano ampliou os horizontes destes saberes no seu tempo, e assim, adotou uma postura distinta em relação à tradição que até então, argumentando em favor da união de todos os saberes referentes à cultura humana. A união e o cultivo da Filosofia e a Oratória é defendida pelo autor, em função da possibilidade de contribuir para a vida coletiva, e portanto, defende uma concepção de orador que tem por objetivo não a mera persuasão, mas sim, o agir político.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Oratória. Cultura.

ABSTRACT: This article is about the political orientation present in the Philosophy and in the Oratory of Marcus Tullius Cicero, and also its implications. The roman author amplified the horizons of these sciences in his time, and therefore, adopted a distinct position in relation the tradition, arguing in defense the union of all human sciences. The union of Philosophy and Oratory is defended by him on purpose of the possibility of a contribution for the collective life, and therefore, Cicero presents a conception of orator that have the aim not persuasion, but the political acting.

KEYWORDS: Philosophy. Oratory. Culture.

¹ Mestrando em Filosofia na Universidade Federal do Ceará. Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará.
Contato: valdirdrummer@gmail.com

1. Introdução

Este artigo trata sobre a união entre Filosofia e Retórica no pensamento de Marco Túlio Cícero, buscando explicitar quais os elementos que o distinguem da tradição grega. Em Cícero, verifica-se a presença de um ideal enciclopédico que orienta a Retórica, não como mera arte de persuasão, mas como um projeto cultural. O autor rompe com a posição prevalente da tradição que concebia a Filosofia e a Oratória como atividades distintas em função da distinção que ambas possuem no que diz respeito aos seus fins e métodos. Por sua orientação ética, Cícero defende que estes e outros saberes devem ser cultivados e exercitados, pois, podem contribuir para a vida coletiva e para o bem comum. Juntas, Filosofia e Retórica, podem auxiliar os homens na condução da sua vida pública e privada. Esta temática exige, ter em conta certos traços característicos, para deste modo, pontuar o caráter específico que tais ramos do saber exercem no universo romano.

Na antiguidade, tanto na Grécia como em Roma, a formação do homem alcançava o seu ápice com o aprendizado da Retórica, mas há uma distinção entre ambas. Na cultura grega, os oradores possuíam uma atuação limitada na política pela via dos seus auxílios, em Roma, os oradores eram detentores das posições políticas mais importantes.² Isto é, apesar da influência grega a oratória romana desenvolveu-se de modo distinto em função do caráter social e político específico da cultura romana, Roma foi palco de muitas controvérsias em função das constantes disputas entre patrícios e plebeus.³ Sendo permitido contar com o auxílio de oradores mais eloquentes que eram proibidos de cobrar pelos serviços prestados, na Grécia, os litigantes não podiam contar com representação, como nenhum outro podia discursar no seu lugar, eles memorizavam e declamavam os discursos construídos pelos oradores.⁴ Por este motivo, a oratória era imprescindível para aqueles que desejavam seguir carreira política, ou mesmo cultivar outras atividades. Um ponto comum entre a oratória latina e a grega é que ambas contam com uma dimensão prática e teórica, sendo esta última a que exerceu mais influência na formação latina do orador. Por fornecer um método para bem conduzir os debates políticos a oratória tornou-se um elemento crucial na vida romana.⁵

²NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos Sobre Retórica*. Madrid: Editorial Trotta S.A, 2000. pp.81-82.

³Cf. KENNEDY, George Alexander. *A new History of Classical Rhetoric*. New Jersey. Princeton University Press. 1994. p.102.

⁴ O amparo se dava muitas vezes em conformidade com os laços sociais e políticos estabelecidos Trata-se da relação Patrão e Cliente, sobre este tema, ver: Cf. KENNEDY, George Alexander. *A new History of Classical Rhetoric*. p.103.

⁵HERRICK, James. *The History and Theory of Rhetoric*. Boston: Allyn & Bacon, 1996. p.92

A época de Cícero consiste num ponto de viragem no âmbito da Filosofia e da Oratória no universo latino. De acordo com Tácito, a oratória romana não se desenvolveu apenas em função da sua presença na atividade política, mas também na sua participação em questões de cunho ético. Neste contexto, além do estudo da oratória havia também interesse pelo pensamento da escola peripatética e da estóica.⁶ Esta é a riqueza da contribuição de Cícero, que defendeu apenas a junção de novos saberes para o exercício da oratória, como também no caráter do orador. No modelo ciceroniano, o estudo não é restrito a oratória, tornando então necessário o estudo da Filosofia e da Ética e demais disciplinas, pois, na sua concepção, a formação do orador confluía para a atividade política.⁷ Para que isto se torne evidente é necessário um excuro pelas obras filosóficas e retóricas de Cícero

2. O novo gênero de Oratória no Pro. Archia.

No discurso *Pro Archia*, pode-se verificar a presença de certos elementos que contribuem para amplitude que a Oratória assume na orientação de Cícero. sem contar com a novidade que o discurso apresenta em relação aos gêneros retóricos vigentes. Para além das questões legais, Cícero tece um elogio às *studiis humanitatis ac literatum*, (estudos humanísticos e literários, ou da humanidade e das letras).⁸ e os seus benefícios para a vida privada e coletiva, ao argumentar em favor da contribuição do poeta Áquias nos seus primeiros anos de formação.⁹ Como pode ser indicado:

[...] Se eu tenho algum talento, Juízes e bem sinto quanto ele é escasso, se tenho alguma prática da oratória, na qual não nego ser medianamente versado, ou se tenho algum conhecimento desta matéria oriundo do estudo sistemático das artes liberais, estudo do qual, confesso, jamais me afastei em época alguma de minha vida, de tudo isso, quase por direito próprio, deve mais do que ninguém exigir-me o fruto Aulo Licínio, aqui presente.¹⁰

De acordo com esta passagem é possível verificar a posição de Cícero, em favor de uma formação que abarcar saberes diversos. Aquilo que Cícero compreende por *artes liberais*, consiste nos estudos que constituíam a formação do "homem livre"¹¹, sendo assim: dalética, retórica,

⁶ TACITUS. *Agricola and Germany of Tacitus and the Dialogue on Oratory*. Tradução de Alfred Jhon Church e William Jackson. London: Macmillan and Co, 1877. pp.194-195

⁷ Ver ainda HERRICK. James. *The History and Theory of Rhetoric*. pp.98-99.

⁸ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, trad. port. Maria Isabel Rabelo Gonçalves, Lisboa: Editorial Inquérito, 1986, 2ed, p. 19.

⁹ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, p. 17.

¹⁰ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, p.15.

¹¹ Cf. KRISTELLER, Paul. *Tradição Clássica e Pensamento do Renascimento*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995 p, 17.

gramática e aritmética.¹² Neste sentido que Cícero indica que há também uma relação entre estas ciências com a arte poética, daí ele argumenta: “[...] todos os conhecimentos relativos à cultura humana têm como um vínculo comum e estão ligados entre si por uma espécie de parentesco”.¹³ É possível indicar como exemplo desse elo, o costume dos antigos poetas em criar versos sobre eventos históricos.¹⁴ Outro exemplo, pode ser identificado no seu diálogo *De Oratore*, conforme nota, ainda que sejam atividades distintas, oradores e poetas compartilham em comum a característica de que ambos não possuem limites em relação às temáticas que podem tratar.¹⁵

Nesse sentido, Cícero defende a importância e a necessidade de se cultivar as Letras, explicitando assim a contribuição que tais estudos para a eloquência.¹⁶ Conforme ele argumenta: “[...] que se envergonhem os outros todos os que se embrenham nas letras sem nada delas extraírem para o benefício geral e sem nada apresentarem à opinião pública”.¹⁷ Trata-se aqui de um lugar comum nas obras de Cícero, por isso tece críticas àqueles que se dedicaram aos estudos buscando apenas honras e prestígio político, pois, no seu entender, o estudo das coisas humanas é necessário à vida coletiva.¹⁸ Daí Cícero destacar a importância de valer-se dos escritos dos autores gregos¹⁹,

¹² Sobre esse ponto, é importante ressaltar que, durante a antiguidade clássica, Platão posicionava-se contrário à noção de uma formação geral, ou Paidéia, apresentando a Filosofia como único meio para educação. Ao contrário, Isócrates defende a importância da formação em conformidade com a Paidéia ao lado do estudo da Filosofia. Na antiguidade tardia, as artes que compõem a *studia liberalia* assumem papel propedêutico à Filosofia. O plano contava com a gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, música e astronomia. Nesse sentido, ver: CURTIUS, Ernst Robert. *European Literature and the Latin Middle Ages*, trad. ing. Willard R. Trask. New York: Harper Torchbooks, 1963, pp. 35-37.

¹³ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, p. 17.

¹⁴ No discurso em questão, Cícero expõe que Árquias narrou a *Guerra Mitridática*. Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, p. 41 Na obra ciceroniana República, é possível também identificar um argumento a favor da relevância histórica das Letras: “[...] A própria inteligência, as vozes, que pelo seu som pareciam antes infinitas, assinalaram-se e se expressaram todas com poucos sinais e caracteres, com os quais se tornou possível falar com os ausentes, manifestar os movimentos de nossa alma e esculpir nos monumentos a lembrança das coisas que se foram”. Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De Re Publica*. In: *Antologia de Textos: Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca*. trad. br. Agostinho da Silva, São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 167.

¹⁵ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De Oratore ad Quintum Fratrem Dialogui Tres*, trad. ing. E. W. Sutton, Cambridge: Harvard University Press, 1948, p. 51.

¹⁶ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De Oratore ad Quintum Fratrem Dialogui Tres*, p. 51.

¹⁷ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, p. 31. Vale lembrar que no quinto Paradoxo, Cícero argumenta: “Apenas o sábio é livre, todo insensato é escravo”. Nesse escrito, Cícero defende que, em contraposição ao sábio, aquele que é insensato tornar-se escravo dos seus vícios, pois não consegue refreá-los e controlar a si. O autor também reafirma a relevância da Filosofia e do cultivo das Letras, ressaltando a contribuição que ambas podem exercer na vida política e privada. Ver: CÍCERO, Marco Túlio. *Paradoxa Stoicorum*. In: *Textos Filosóficos*. trad port. J. A. Segurado Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 22.

¹⁸ A mesma tese é também apresentada na sua obra *Hortensius*: Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Hortensius*. In: *Textos Filosóficos*. trad port. J. A. Segurado Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 39.

¹⁹ Vale aqui lembrar que Cícero, apesar da forte identidade romana presente em seu pensar exorta ao estudo da filosofia grega levando em consideração que há muito nelas que pode ser mais proveitoso. Como é possível observar no discurso de Cipião, pertencente ao seu diálogo *República*: “[...] Suplico-vos, portanto, que não me escuteis como a um ignorante, completamente estranho às teorias gregas, nem tampouco como a um homem inteiramente disposto a dar-lhes preferência; sou romano antes de mais nada, educado pelos cuidados de meu pai no gosto dos estudos liberais”. Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De Re Publica*. In: *Antologia de Textos: Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca*. trad. br. Agostinho da Silva, São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 146.

levando em consideração a riqueza do saber ético.²⁰ Segundo ele explicita: “[...] todos os livros estão plenos de obras assinaláveis, plenas estão as lições dos sábios, plena a Antiguidade de exemplos: todos ficariam nas sombras, se lhes não valesse a luz das letras.”²¹ Por este motivo, Cícero afirma que os autores clássicos devem servir de modelo,²² sustentando também que o cultivo das Letras contribui para a disposição natural.²³ Desse modo, percebe-se a importância dos estudos,²⁴ unidos ao cultivo da virtude, pois confere louvor às coisas humanas, por serem as Letras tão dignas quanto as demais artes. Conforme Cícero comenta:

[...] Na verdade, se as letras em nada os auxiliassem na aprendizagem e no cultivo da virtude, nunca eles se teriam consagrado ao seu estudo. E ainda que tão grande fruto se não mostrasse e que de tais estudos apenas se reclamasse o simples deleite, mesmo assim, segundo me parece, haveríeis de considerar bem digno de homens livres este refrigério do espírito. É que os outros nem são de todas as ocasiões, nem de todas as idades, nem de todos os lugares, ao passo que estes estudos nutrem a juventude, distraem a velhice, realçam os momentos felizes, propiciam refúgio e conforto nos infelizes, deleitam-nos em casa, não nos estorvam na rua, dormem conosco, conosco viajam.²⁵

Se vem atribuído mérito e admiração aos homens que cultivam as demais ciências, também deve-se fazer o mesmo aos homens das Letras, e mesmo os poetas que, destituídos de uma arte, leve-se em consideração a utilização que eles fazem dos estudos para contribuir com o sua aptidão natural.²⁶ Ao considerar a posição privilegiada que o orador ocupava na atividade política na Roma, Cícero, ao estabelecer uma relação entre a oratória e as Letras, atribui-lhes uma relevância e, desse modo, apresenta um ideal do agir humano. Embora Cícero evoque saberes gregos, ele se reporta a uma identidade romana. Daí Cícero operar uma ampliação do universo da oratória, bem como a noção de *studia humanitatis*²⁷ e, assim, identificar nas Letras, uma relevância política, quando elas tratam dos benefícios que podem fornecer aos homens e aos estados. Ao demonstrar a relação entre as coisas humanas e incentivar, não o estudo de alguma, em específico, mas o cultivo da diversidade, pode-se reconhecer o *ideal enciclopédico* no pensamento ciceroniano e de sua concepção retórica.

²⁰ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, p. 21.

²¹ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, p. 31.

²² Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, p. 31.

²³ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, p. 31.

²⁴ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, p. 33.

²⁵ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, p. 35. Algo que revela a diferença entre Cícero e certa orientação dos saberes gregos, pois, enquanto Cícero reconhece, na atividade dos poetas e no cultivo e estudo das Letras, algo capaz de atribuir prestígio, por sua vez Platão expulsa os poetas da sua república ideal. Ver, nesse sentido, PLATÃO. *A República*, pp. 331-366.

²⁶ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, p. 37.

²⁷ Noção esta que mais tarde contribuirá para o surgimento dos estudos humanísticos na Renascença italiana. A respeito desse tema, ver aqui: KRISTELLER, Paul. *Tradição Clássica e Pensamento do Renascimento*. trad. port. Artur Morão, Lisboa: Edições 70.

Como é possível observar, Cícero assume uma posição crítica em relação à tradição oratória em seu tempo, buscando explicitar a relação entre as coisas humanas, ele demonstra que a Oratória não atua em função de si mesma.²⁸ Ademais, esse discurso revela certo ideal de orador profundamente nutrido, como já aqui abordado, de uma cultura 'humanista' e, igualmente o reconhecimento do valor da eloquência que, por sua vez, não se apresenta apenas como instrumento de persuasão, mas também como expressão artística e literária. Ao assumir determinada postura, Cícero também assume uma particularidade no que concerne à Filosofia e à Oratória, tema este abordado no tópico a seguir.

3. A orientação filosófica e oratória de Cícero

Certamente Cícero configurou uma ampliação da relação entre Oratória e Filosofia na tradição, tanto que ambas se encontram na sua reflexão em sentido cultural e político: algo que representa uma ruptura da cisão presente nos pensadores que o antecederam. Platão²⁹ rechaçou a Retórica em favor de sua dialética e Aristóteles a pensou como um método de descoberta do que pode ser persuasivo no discurso³⁰. Cícero, por sua vez, embora adotasse algumas teses desses pensadores, expressa uma posição diversa em relação à conexão entre Filosofia e Oratória. Neste momento da exposição é preciso explicitar determinadas teses, presentes no pensamento ciceroniano, a fim de uma melhor compreensão daquilo que ele postulou sobre tal relação.³¹

Em primeiro lugar, é importante abordar o que a reflexão de Cícero apresenta no universo epistemológico. Antes de mais, pode-se sustentar que Cícero considera que o gênero humano não dispõe daquilo que é necessário, seja do ponto de vista da razão seja da sensibilidade para alcançar com segurança a *verdade*. Este princípio o leva a adotar, em certa medida, a máxima estoica de que *nada pode ser compreendido*. No entanto, ao admitir por essa via a possibilidade de se cair no erro, mesmo

²⁸ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*, p. 17.

²⁹ A problemática da Retórica no pensamento platônico possui muitos desdobramentos em diálogos diversos, por isso, foi tratada em perspectivas distintas. Para esta exposição, pode-se referenciar aqui a crítica no seu Górgias (ou Da Retórica) De acordo com a crítica de Platão, o orador possui apenas a aparência do conhecimento, daí construir os seus discursos com base em teses verossimilhanças. Por essa razão, a Retórica não seria uma arte, porém, uma habilidade experimentada, uma vez que as suas noções e métodos não teriam sido construídos com base na investigação e segundo um rigor lógico, mas apenas segundo a rotina empírica. Valendo-se desta concepção, Platão busca uma definição mais acurada da Retórica. Daí ele sustentar que as suas práticas se apresentam de dois modos: aquelas que ignoram o saber e não visam nada além do prazer, e aquelas racionais. *Górgias*. In: _____. *Dialogos II: Gorgias (ou da retórica)*. Tradução de Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2016.

³⁰ Cf. ARISTÓTELES. *Retórica*, Trad. Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel Do Nascimento Pena, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa Da Moeda p. 95.

³¹ Para esta pesquisa optou-se pelo uso do título original das obras de Cícero a fim de se evitar confusões causadas pela tradução.

por meio da reflexão, Cícero, em seu diálogo *Academia Priora*, não se considera sábio, justificando que diferente do sábio, ele emite *opiniões*.³²

Isso ocorre, também, em razão do seu desejo de dedicar-se à atividade filosófica. Conforme ele sustenta em *Academia Priora*: “[...] não só me move o desejo de encontrar a verdade, mas também dizer aquilo que penso”.³³ Pressupondo aqui tal formulação, pode-se compreender que, no entender de Cícero, *assentir*, também integra parte da atividade filosófica, isto é, ao considerar como impossível a segurança necessária que evidencie uma tese de certa natureza como verdadeira, ele identifica a probabilidade de se conceber o *falso* como *verdadeiro*. Por essa razão, ele ressalta o emprego de um método que possa servir de auxílio para empreender a busca da verdade com a finalidade de se evitar o erro.³⁴

O procedimento adotado por Cícero, em sua tentativa de contornar os obstáculos existentes para conhecer a verdade, pode ser encontrado em sua *Academia Priora*. Nela Cícero adota, como procedimento das suas investigações, o levantamento de teses distintas, mas que versam sobre uma mesma temática, pois compreende que, desse modo, esteja apto para descobrir, no curso de sua reflexão, uma tese que possa ser verdadeira ou verossímil³⁵. Segundo ele argumenta: “[...] nas minhas discussões apenas pretendo exprimir e escutar as razões de ambas as partes, de modo a chegar-se a uma conclusão que seja verdade, ou que desta se aproxime”.³⁶ Daí se identificar aqui uma das razões de Cícero não aderir a nenhuma escola específica. Conforme ele expõe, muitos se veem obrigados, ao pertencer a alguma doutrina, a aderir a teses, mesmo as considerando incoerentes, em consonância com a orientação deles, sem as limitações impostas pelas orientações filosóficas. Nesse sentido, Cícero defende a autonomia para o seu pensar e, segundo ele acrescenta mais adiante: “[...] não me vejo obrigado a defender teorias que sejam prescritas, e como se impostas à força”³⁷ Em conformidade com a sua obra *Hortensius*, segundo narra Agostinho, obra hoje perdida, tinha por objetivo incentivar a prática “[...] não os ensinamentos desta ou daquela escola, mas sim a sabedoria em si”.³⁸

³² Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*. In: *Textos Filosóficos*. trad port. J. A. Segurado Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 143

³³ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, p. 141.

³⁴ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, pp. 141-142.

³⁵ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De Officiis*, Trad. Ing. Walter Miller. London: William Heinemann, 1967 p.175.

³⁶ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, p. 100.

³⁷ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, p. 100.

³⁸ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Hortensius*. In: *Textos Filosóficos*. trad port. J. A. Segurado Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 48..

Daí ser possível afirmar o comprometimento de Cícero com a Filosofia e não com alguma corrente filosófica específica. Conforme ele escreveu: tinha como objetivo expandir a cultura dos seus concidadãos e “[...] nenhum modo mais apropriado encontr[ou] do que explicar para os [s]eus concidadãos a forma de aceder às mais nobres artes, isto é, estudo e prática da filosofia”.³⁹ Em virtude de ter como base o princípio de que *nada pode ser compreendido*, mesmo aquelas determinadas orientações filosóficas aceitas como verdadeiras, Cícero as concebe apenas como *verossímeis*. Como se pode observar na seguinte passagem:

[...] entre mim e os que julgam saber alguma coisa a única diferença é que estes não hesitam em declarar verdadeira a tese que defendem, enquanto para mim muitas ideias são meras probabilidades, que podemos aceitar com facilidade, mas não podemos garantir serem verdade.⁴⁰

De acordo com Cícero, é possível efetuar nosso assentimento sobre certas temáticas, como, por exemplo, às de natureza ética, ou física, embora, segundo ele ressalta, não haja como assegurar que sejam verdadeiras. Enquanto personagem do diálogo, Cícero revela concordar com Carnéades, ao argumentar que as representações sensoriais podem ser divididas em duas: as traduzidas em *conhecimento* e as *que não podem*, ou as *verossímeis* e as *inverossímeis*. No seu entender, “[...] não existe nenhuma representação sensorial que possa traduzir-se em conhecimento, mas há muitas de que decorrem opiniões verossímeis”⁴¹. Cícero não nega a possibilidade de se obter conhecimento, mas a de assegurar como verdadeiro. Deve-se levar isso em consideração nos muitos conhecimentos oriundos dos sentidos.⁴²

Nesse sentido, Cícero argumenta que o sábio também *assente*, mesmo sobre o que é *incerto*. No seu entender, isso configura uma condição possível para conduzir a vida. Pode-se identificar a ampliação da ideia de *verossímil* na sua filosofia, ao sustentar que um fenômeno pode ser considerado como tal, na medida em que não há uma tese que destitua o seu valor. Por isso, Cícero compreende que um fenômeno pode ser acatado como *verossímil* caso não haja uma tese que o contradiga: algo que configura uma condição aceitável para conduzir a vida. Ademais, ele defende também que o sábio pode emitir opiniões, pois: “[...] Se o sábio não aceitar, tornará de todo impossível a vida”.⁴³ Isso porque, conforme ele argumenta, a Filosofia não se limita apenas a questões especulativas sobre a natureza, uma vez que ela pode também refletir sobre questões

³⁹ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Hortensius*, p. 40..

⁴⁰ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, p. 100.

⁴¹ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, p. 168.

⁴² Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, p. 168.

⁴³ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, p. 168.

relativas aos modos de conduzir a vida.⁴⁴ De acordo com a sua teoria, com a ausência do critério do *verossímil*, torna-se impossível dar prosseguimento à vida no que concerne às escolhas e tomadas de decisão, pois o único critério que nos resta é o do *verossímil*. Para Cícero, *assentir* também abarca tomar decisões⁴⁵ e parece conceber o *verossímil* como algo que possibilita nossas ações, sem a necessidade de uma deliberação anterior. De acordo com as suas considerações em *Academia Posteriora*:

[...] “provável” ou “verossímil” chamam os acadêmicos ao que nos pode levar a agir mesmo sem o nosso assentimento; digo “sem assentimento” quando aquilo que fazemos nem o imaginamos, nem estamos seguros de que sabemos ser conforme a verdade, mas mesmo assim fazemo-lo.⁴⁶

Em verdade, Cícero não deixa claro o seu vínculo com uma escola filosófica específica. Enquanto personagem do diálogo, Cícero sustenta determinadas teses em comum com a Nova Academia, dentre elas a da dificuldade de se alcançar a verdade. Conforme ele explicita: “[...] nós não negamos que exista a verdade, negamos sim, a possibilidade de conhecê-la”.⁴⁷ Isso significa dizer que não há como apreender o verdadeiro com segurança. Ao se considerar que Cícero não negou em seus escritos a existência do verdadeiro, no entanto, ele assume certa postura cética como parte do processo de reflexão filosófica. Para ele, a tese de que nada pode ser compreendido, está em harmonia com o pensamento socrático. Daí se poder identificar certa influência platônica no seu pensamento. Segundo ele escreve:

[...] Sócrates entendia nada poder saber, com exceção deste facto, desde único facto: que sabia que não sabia nada. E que dizer de Platão? Decerto que ele não repetiria esta ideia em tantas de suas obras se porventura não estivesse de acordo com ela.⁴⁸

Ainda sobre as correntes filosóficas, Cícero alerta que, pelo fato de elas discorrem muitas vezes sobre as mesmas temáticas e chegarem assim a diferentes conclusões, isso implica necessariamente que entre duas teses contrárias apenas uma é verdadeira. Porém, ele não vê nisso um obstáculo para uma vez ou outra concordar com alguma escola.⁴⁹ Lembrando que Cícero se revela consciente da possibilidade de cometer enganos, pois se pode assentir sobre determinadas

⁴⁴ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, p. 140.

⁴⁵ Ver aqui CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, p. 175.

⁴⁶ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Posteriora*. In: *Textos Filosóficos*. trad port. J. A. Segurado Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 240

⁴⁷ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, p. 148.

⁴⁸ CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, p. 149.

⁴⁹ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, p. 195.

temáticas, entretanto, isso não assegura poder se evitar erro, mesmo naquilo que se concebe como verdadeiro, pois é no máximo verossímil. Como ele afirma:

[...] Não creio que haja uma doutrina à qual eu adira sem receio de estar a acreditar numa coisa que às vezes até pode ser falsa, porque nenhuma representação existe que garantidamente permita distinguir o verdadeiro do falso, sobretudo porque carecem de valor os critérios proposto pela dialética.⁵⁰

É preciso indicar a particularidade da postura de Cícero em relação à Oratória, pois ele trata das questões de oratória, não enquanto orador, mas como filósofo. Por isso, ele concebe as suas obras sobre oratória como obras filosóficas. Isso porque:

[...] Considerando, Aristóteles e Teofrasto, ambos foram admirados pelo entusiasmo do intelecto e particularmente, pela copiosidade do discurso, uniram retórica e filosofia, parece-me também adequado localizar meus livros retóricos na mesma categoria; por isso devemos incluir os três volumes *De Oratore*, o quarto intitulado *Brutus* e o quinto chamado *Orator*.⁵¹

Ao interpretar os filósofos antigos, Cícero identifica neles o caráter oratório. Daí ser possível identificar a amplitude que a oratória assume na concepção de Cícero, ao orientá-la para além dos limites estabelecidos para o uso desta arte em seu tempo. Sustentava-se que o seu emprego cabia apenas ao âmbito da jurisprudência, entretanto, o estilo e tudo mais que concerne à arte do discurso não cabe somente ao orador judicial, uma vez que os filósofos também dispunham dela. Neste sentido, podemos indicar no *De Oratore* um trecho do discurso de Cévola que argumenta em favor da filosofia, conforme ele sustenta: “[...] Aristóteles e Teofrasto não escreveram apenas melhor, mas também muito mais que todos os professores de retórica juntos”.⁵² Contudo, na réplica de Crasso, defende-se que mesmo Platão, no *Górgias*, ao atacar a Retórica, identificando-a com a sofística, termina por se apresentar como um ótimo orador. De acordo com o discurso de Crasso: “[...] ao ridicularizar os oradores que ele mesmo pareceu para mim o orador consumado”.⁵³ Daí se observar que a utilidade da oratória ciceroniana não auxilia apenas nas disputas jurídicas, mas, igualmente, presta serviços à Filosofia. Por isso, ele defende que o valor da oratória não está nela mesma, mas

⁵⁰ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Priora*, p. 202.

⁵¹ Como pode ser verificado no início do segundo livro do *De Divinatione*, onde Cícero faz alusão algumas de suas obras, com um breve comentaria sobre o conteúdo. Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De Divinatione*, trad. eng. William Armistead Falcaoner. Cambridge: Harvad University Press, 1969, p. 373: “[...] Inasmuch as Aristotle and Theophrastus, too, both for whom were celebrated for the keenness of intellect and particularly for their copiousness of speech, have joined rhetoric with philosophy, it seems proper also to put my rhetorical books in the same category; hence we shall include the three volumes *On Oratory*, the fourth entitled *Brutus* and the fifth called *The Orator*”.

⁵² CÍCERO. Marco Túlio, *De Oratore ad Quintum Fratrem Dialogui Tres*, p. 33: “[...] Aristotle and Theophrastus wrote not only better but also much more than all teachers of rhetoric put together”.

⁵³ CÍCERO. Marco Túlio, *De Oratore*. pp. 35-37: “[...]when making fun of orators that he himself seemed to me to be the consummate orator”.

na Filosofia. Em seus termos, ele escreve: “[...] qualquer habilidade que eu possua como orador, não procede das oficinas dos retóricos, mas dos terrenos da Academia”.⁵⁴

Não obstante o auxílio que a Filosofia pode realizar sobre a oratória, Cícero explicita que os filósofos descuidaram do gênero jurídico, ao criticar que eles não requereriam uma arte. Para Cícero, isso explicaria a razão pela qual algumas vezes os filósofos podem ser obscuros, pois eles não aprenderam a comunicar-se com as multidões.⁵⁵ Ele acrescenta ainda que: “[...] Eles deixaram isto para as Musas rudes”.⁵⁶ Em virtude disso, pode-se ainda indicar outro ponto importante concernente à filosofia de Cícero, a saber: o da relação entre Filosofia e Oratória possuir também uma dimensão política. A união entre ambas seria necessária para que seja possível a vida em comunidade e, também, para a busca da verdade.⁵⁷ Por isso, a sua concepção de *eloquência* não diz respeito apenas à habilidade do discurso, pois ela possui uma dimensão política.⁵⁸ Logo tal união não possui caráter unilateral, mas uma relação de reciprocidade. Aquilo que é pensado pela Filosofia para o bem comum pode ser expresso melhor ao contar com a oratória. Nesse sentido, ele acrescenta:

[...] muitas cidades foram fundadas, e as chamadas de múltiplas guerras foram extinguidas, e que as mais fortes alianças e as mais sagradas amizades foram formadas não apenas pelo uso da razão, mas também foram facilitadas pela ajuda da eloquência.⁵⁹

Como se pode observar até aqui, existem traços específicos no pensamento de Cícero que definem a originalidade de seu pensamento. A sua postura de não aderir a uma escola filosófica, de modo específico, permite o trato com teses distintas as quais podem auxiliar a busca da verdade. Ao considerar a multiplicidade delas, ele demonstra que o *verossímil* tem uma utilidade filosófica. Cícero identifica na Filosofia e na Oratória uma relação de contribuições mútuas. Daí ele não escrever sobre oratória como orador, mas como filósofo, ou seja, as suas obras sobre oratória são, também, filosóficas. Ademais, é preciso não esquecer que a união entre as duas ciências possui, para Cícero, uma ligação orientada ao âmbito político. Cícero escreveu sobre Filosofia tendo como fim principal, divulgar e incentivar a filosofar⁶⁰, valendo-se da tese de que a Filosofia é também um guia para a

⁵⁴ CÍCERO, Marco Túlio, *Orator ad M. Brutum*, trad. ing. H.M. Hubbel. Cambridge: Harvard University Press, 1952, p. 313:

“[...]whatever ability I possess as an orator comes, not from the workshops of the rhetoricians, but from the spacious grounds of the Academy”.

⁵⁵ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Orator ad M. Brutum*, p. 315

⁵⁶ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Orator ad M. Brutum*, p. 315: “[...] They left this to the ruder Muses”.

⁵⁷ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De Officiis*, pp.13-15.

⁵⁸ Sobre a conclusão de um argumento desenvolvido, ver aqui: CÍCERO, Marco Túlio. *Orator ad M. Brutum*, p. 317.

⁵⁹ CÍCERO, Marco Túlio. *Orator ad M. Brutum*, trad. ing. H.M. Hubbel. Cambridge: Harvard University Press, 1949, p.3: “[...]many cities have been founded, that the flames of a multitude of wars been extinguished, and that the strongest alliances and most sacred friendships have been formed not only by the use of the reason but also more easily by the help of eloquence”.

⁶⁰ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Hortensius*, p. 40.

vida.⁶¹ Embora ele trate da importância da língua grega no *Pro Archia*, Cícero incumbiu-se da tarefa de tornar acessível em latim o pensamento grego,⁶² contrariando, assim, a orientação corrente em seu tempo, a qual defendia que quem se interessasse pelo estudo de tal ciência, devesse buscar os escritos gregos.⁶³ Por sua vez Cícero explicita a necessidade a qual deve possuir aquele que se dedica à investigação filosófica, ou seja, buscar o conhecimento de tudo quanto possível. Segundo ele expõe:

“Na filosofia é difícil a alguém conhecer um pouco se não conhecer bem também quase tudo, ou mesmo tudo. É que pouco só faz sentido se for resultado de uma escolha entre muitas coisas, e quem perceber pouco não pode deixar de tentar conhecer tudo o mais com o mesmo empenho”⁶⁴.

Tal concepção também pode ser identificada na sua reflexão sobre a Retórica. Como se pode observar, Cícero investiga e escreve sobre uma variedade de autores, mas não adere a alguma escola. No *De Inventione*, ele reconhece que os autores acertaram em determinados aspectos, assim como falharam em outros, por isso, uma única obra é insuficiente para servir de modelo. Dito isto, Cícero explica que a produção de um discurso se assemelha a de um quadro,⁶⁵ pois o pintor que busca representar um ideal de beleza, não encontrará referências necessárias ao consultar apenas um modelo, desse modo pode contar com o que há de melhor em cada um dos autores.⁶⁶ Cícero escreve:

“[...] depois de coletar todas as obras sobre o tema eu escolhi aquilo que me pareceu os preceitos mais apropriados de cada um, e colhi a flor de muitas mentes. Para cada um desde escritores os quais ricos de fama reputação aparentam dizer qualquer coisa melhor do que qualquer um, mas não prevalecem em todos os pontos.”⁶⁷

Cícero estima variados autores, pois pressupõe que, apesar de certos erros, pode-se buscar, no pensamento deles, algo de valoroso. Daí ele sustentar: “[...] Parece tolice, portanto, recusar a seguir as conquistas de quaisquer autor, apenas porque eu incomodei-me com alguma falta em seu trabalho, assim como seguir os erros de quem me atraiu por algum preceito correto”.⁶⁸ Nessa perspectiva pode-se avistar a relevância que Cícero atribui as coisas divinas e humanas na sua

⁶¹ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Hortensius*, p. 85.

⁶² Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Posteriora*, p. 212.

⁶³ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Academia Posteriora*, p. 216.

⁶⁴ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Hortensius*, p. 37.

⁶⁵ Sobre este ponto, ver: CÍCERO, Marco Túlio. *De Inventione*, p. 169-171.

⁶⁶ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De Inventione*, p. 171.

⁶⁷ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De Inventione*, pp. 169-171: “[...] but after collecting all the Works on the subject I excerpt what seemed the most suitable precepts from each, and so culled the flower of many minds. For each of the writers who are worthy of fame and reputation seemed to say something better than anyone else, but not to attain pre-eminence in all points.

⁶⁸ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De Inventione*, p. 171: “[...] I was able to set out before me the store of wisdom of all who had written from the very beginning of instruction in rhetoric down to the present time, and choose whatever was acceptable”

República, a exemplo de Sócrates, que direcionou as suas reflexões ao que diz respeito às questões dos costumes, o qual Platão, uniu na sua doutrina aos saberes da filosofia natural e metafísicos.⁶⁹ De acordo com Platão: “[...] uniu o enlace e a sutileza da eloquência socrática à profundidade e obscuridade de Pitágoras”.⁷⁰

Até este momento, pode-se identificar que no pensamento de Cícero está presente a tese de que o indivíduo deve viver em vista do bem-comum, exigindo, assim, conhecimentos adequados em Oratória e Filosofia. Isso justifica a sua concepção de uma formação ampla que envolve vários saberes, pois, no seu entender, mesmos os saberes que aparentemente não possuem relação com a vida coletiva, como a filosofia natural e a metafísica, exercem forte contribuição. Nesse sentido, o diálogo o *De Re publica* apresenta Péricles como exemplo de homem dotado de cultura, o qual, graças aos seus conhecimentos em filosofia natural e retórica, conseguiu apaziguar os ânimos do povo aterrorizado pela ocorrência de um eclipse.⁷¹ Destarte, Cícero defende, por meio da Oratória, tornar o saber acessível aos demais indivíduos, pois, ao contrário dos demais saberes, tem por dever permanecer disponível, a todos os níveis. Conforme ele comenta:

“[...] os temas das outras artes procedem como que por regra de fontes escondidas e remotas, enquanto toda arte oratória permanece acessível, e está em certa medida importada com a prática comum, costumes e discurso da humanidade, ao passo que, em todas as outras artes o mais excelente o que é extraído para longe da compreensão e capacidade mental dos não treinados, na oratória o maior pecado é separar-se da linguagem do dia-a-dia, e do uso aprovado pelo senso de comunidade.”⁷²

Por isso, Cícero ressalta a importância de o orador aprender lógica, em conjunto com o cultivo da eloquência⁷³ e, igualmente, os demais saberes filosóficos, pois a Filosofia é essencial para uma completa exposição dos objetos, levando em consideração que as temáticas, que muitas vezes apareciam nos debates, estão sob o seu domínio, sejam eles: “[...] referentes à religião, morte, piedade, amor à pátria, bem e mal, vícios e virtudes, deveres, dor, prazer, perturbações da alma e os erros”.⁷⁴ Daí a síntese que Cícero apresenta no *Brutus*, ser possível verificar que sem o estudo das

⁶⁹ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De Re Publica*, p.142

⁷⁰ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De Re Publica*, p.142

⁷¹ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *De Re Publica*, p.142 p. 144.

⁷² CÍCERO. Marco Túlio, *De Oratore ad Quintum Fratrem Dialogi Tres*, p, 11: “[...]the subjects of the other arts are derived as a rule from hidden and remote sources, while the whole art of oratory lies open to the view, and is concerned in some measure with the common practice, custom, and speech of mankind, so that, whereas in all other arts that is most excellence which is farthest removed from the understanding and mental capacity of the untrained, in oratory the very cardinal sin is to depart from the language of everyday life, and the usage approved by the sense of the community”

⁷³ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Orator ad M. Brutum*, p. 389.

⁷⁴ CÍCERO, Marco Túlio. *Orator ad M. Brutum*, p. 393: “[...] they concern religion, death, piety, patriotism, good and evil, virtues and vices, duty, pain, pleasure, or mental disturbances and errors”.

Letras não se adquire a eloquência plena. Ao lado da Filosofia, ele põe ainda a Jurisprudência e considera ambas como necessárias para a função do orador.⁷⁵ Ademais, é preciso recordar ainda que não basta ao orador o trato de variadas questões, uma vez que ele deve tratá-las de modo que os saberes sejam acessíveis. Nesse sentido, ele sustenta: “[...] é eloquente aquele que pode discutir as matérias dos lugares-comuns de modo simples”.⁷⁶ Conforme aqui se explicita, Cícero não propõe a investigação e o cultivo de um saber específico, tanto a Filosofia e a Oratória, bem como as ciências a elas relacionadas, pois ocupam um papel importante na sua concepção de um orador, assim como o seu objetivo de ampliar a cultura de seus concidadãos

4. Considerações finais

À guisa de conclusão podemos aqui destacar novamente os argumentos desenvolvidos ao longo desta investigação. De início, indicou-se o novo horizonte ciceroniano da oratória, explicitando a relevância de sua defesa do poeta Arquia, a qual se expressa com base em um novo gênero da eloquência. Não se pode desconsiderar, igualmente, a presença de certo *ideal enciclopédico que orienta a Retórica como projeto cultural em Cícero*, pois rompe com a posição prevalente da tradição retórica, a qual concebia a filosofia e a oratória como atividades que deveriam ser empregadas distintamente em função de possuírem fins e métodos diversos. Cícero, por sua vez, parte do princípio de que o cultivo e o exercício dos saberes, que compõem as ciências em um sentido amplo, podem contribuir para a vida coletiva e para o bem comum, uma vez que a Oratória só é bem quista em função da Filosofia. Daí se identificar no pensamento de Cícero uma dimensão cultural e política, no que concerne à união entre tais ciências, pois a sua concepção de Oratória não se reduz à mera persuasão e, igualmente, um discurso com forte orientação ética, porque pode auxiliar os homens na condução da vida política.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Olavo Vinícius Barbosa de. **O Brutus de Marco Túlio Cícero: estudo de tradução**. 2014. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-06052015-121442/pt-br.php>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

⁷⁵ Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Brutus*. In ALMEIDA, Olavo Vinícius Barbosa de. *O Brutus de Marco Túlio Cícero: estudo de tradução*. 2014. 208 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-06052015-121442/pt-br.php>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

⁷⁶ Ver CÍCERO, Marco Túlio. *Orator ad M. Brutum*, p.379.

ARISTÓTELES. Retórica. Tradução de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel Do Nascimento Pena, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa Da Moeda. 2005.

CÍCERO, Marco Túlio. Academia Posteriora. In: _____. *Textos Filosóficos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

_____. Academia Priora. In: _____. *Textos Filosóficos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

_____. *De Divinatione*. Tradução de William Armistead Falcaoner. Cambridge: Harvard University Press, 1969.

_____. *De Officiis*. Tradução de Walter Miller. London: William Heinemann, 1967.

_____. *De Oratore ad Quintum Fratrem Dialogi Tres*. Tradução de E. W. Sutton. Cambridge: Harvard University Press, 1948.

_____. *De Re Publica*. In: _____. *Antologia de Textos: Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca*. Tradução de Agostinho da Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. *Hortensius*. In: _____. *Textos Filosóficos*. Tradução de J. A. Segurado Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

_____. *Orator ad M. Brutum*. Tradução de H.M. Hubbel. Cambridge: Harvard University Press, 1952.

_____. *Paradoxa Stoicorum*. In: _____. *Textos Filosóficos*. Tradução de J. A. Segurado Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

_____. *Pro A. Licino Archia Poeta Oratio*. 2. ed. Lisboa: Editorial Inquérito, 1986.

_____. *De Inventione*. Tradução de Walter Miller. London: William Heinemann. 1949.

CURTIUS, Ernst Robert. *European Literature and the Latin Middle Ages*. New York: Harper Torchbooks, 1963.

HERRICK, James. *The History and Theory of Rhetoric*. Boston: Allyn & Bacon, 1996.

KENNEDY, George Alexander. *A new History of Classical Rhetoric*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

KRISTELLER, Paul. *Tradição Clássica e Pensamento do Renascimento*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos Sobre Retórica*. Madrid: Editorial Trotta S.A, 2000.

PLATÃO. Górgias. In: _____. *Dialogos II: Gorgias (ou da retórica)*. Tradução de Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2016.

TACITUS. *Agricola and Germany of Tacitus and the Dialogue on Oratory*. Tradução de Alfred Jhon Church e William Jackson. London: Macmillan and Co, 1877.